



Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços

N.º 13 – 2004

O discípulo sem nome

“No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi de manhãzinha, ainda escuro, ao sepulcro e viu a pedra retirada do sepulcro...”. Perante esta situação insólita o que é que Maria Madalena faz? “Correu e foi ter com Simão Pedro... que partiu com o outro discípulo... Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo antecipou-se”.

A Madalena parece retirar-se de cena e passa o testemunho, na corrida para a fé, a outros dois discípulos. Um deles é bem conhecido, chama-se Simão Pedro, do outro não sabemos o seu nome. Não tem nome. A tradição identificou-o: trata-se de João evangelista. Mas esta identificação deu-se muito tarde, talvez depois da morte deste. Pode ser que ele fosse o discípulo que Jesus amava, mas João, ao não lhe dar nome, talvez esta figura tenha um carácter simbólico.

O “outro discípulo”, o que não tem nome, que poderá ser? É curioso ver que este discípulo está sempre ligado de alguma maneira a Pedro.

Quando João Baptista fita os olhos em Jesus que passava e disse: “Aí está o Cordeiro de Deus”, dois dos seus discípulos seguiram Jesus e permaneceram com Ele toda a noite.. Um era André, irmão de Simão Pedro. Do outro não sabemos o nome. E quando André encontrou o seu irmão, Simão Pedro, disse-lhe: “Encontrámos o Messias... E levou-o a Jesus”. Encontrámos... Quem era o outro? Não sabemos.

E que tem a ver Pedro com isto. Sempre tem, pois o discípulo sem nome chega a Jesus antes dele.

Deste discípulo sem nome, o Evangelho deixa de falar e só volta a aparecer na Última Ceia quando Jesus descobre que entre os doze está também o traidor. E quem é que reconhece o traidor? Não é Pedro, mas o discípulo sem nome que reclinou a cabeça sobre o peito de Jesus.

Enquanto Pedro, durante a Paixão fica por perto e renega o Mestre, o discípulo sem nome tem a coragem de seguir Jesus e de estar perto d’Ele durante o processo.

No Calvário, Pedro não aparece, fugiu. Pelo contrário, o discípulo que Jesus ama, não sabemos o nome, está com o Mestre, junto à cruz com a mãe de Jesus. Em Tiberíades é este discípulo o primeiro a reconhecer o Ressuscitado naquele homem que se encontra na margem. Pedro só cai na conta mais tarde.

Finalmente, quando Jesus convida Pedro a segui-l’O, este não tem coragem de o fazer sozinho. Sente necessidade de o fazer tendo a seu lado o “discípulo que Jesus amava”.

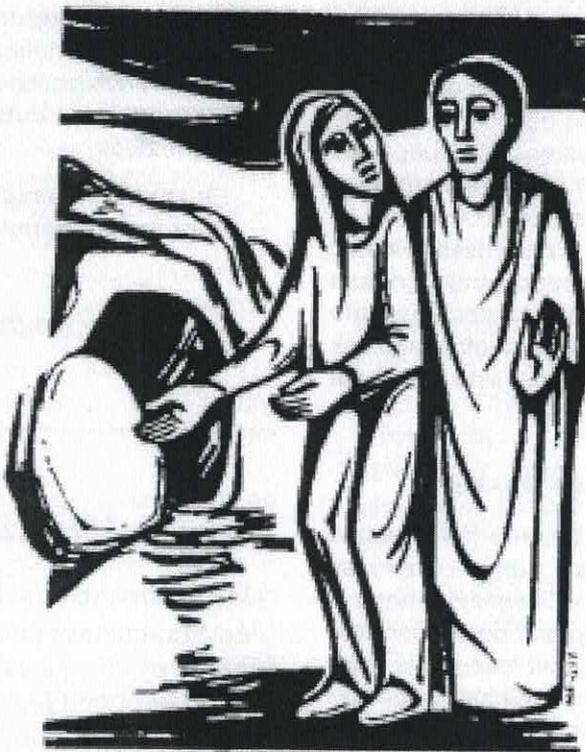
Certamente que já temos os dados suficientes para saber quem é este discípulo sem nome. É o discípulo autêntico, aquele que a partir do momento em que Cristo com ele se encontra e lhe apresenta um projecto de vida, não hesita em segui-l’O imediatamente, até dar a vida, se preciso for, por Ele.

O Evangelho não lhe dá nome, esperando que tu ponhas o teu nome.

Este discípulo é um personagem tipo e modelo do discípulo autêntico.

Pedro e este discípulo foram ao sepulcro e o que não tem nome chegou primeiro, debruçou-se, viu as ligaduras no chão, mas não entrou. É natural. Chegou Pedro, entrou, viu as ligaduras no chão e o sudário enrolado à parte.

Pedro ficou um bocado apalermado. Viu tudo, mas não conseguiu ir mais além. Pelo contrário, o discípulo sem nome, deu um passo em frente: viu e acreditou. Perante os sinais da morte ele começou a vislumbrar a vitória da vida sobre a morte. Este é o momento culminante da sua fé em Jesus ressuscitado.



Espera a Ressurreição

Tempos difíceis podem trazer consigo mais perguntas que respostas. A nossa caminhada da Quarta Feira de Cinzas para a Páscoa, neste ano, encontra-nos fazendo face às questões da guerra, do terrorismo, de problemas económicos e de muitos desafios pessoais. À medida que reflecto nisto, vem-me à mente a cena dos discípulos que, com Maria, esperavam ansiosamente na Sala de Cima depois da Crucifixão de Jesus, não sabendo o que lhes iria acontecer. Hoje existe uma atmosfera do mesmo género de ansiedade no nosso país. No entanto, existe uma grande diferença entre a nossa espera e a dos discípulos. Nós sabemos que podemos esperar que aconteça a ressurreição em qualquer circunstância em que nos encontremos. Isto muda tudo.

Todos nos encontramos no Coração de Deus

Agora, nós sabemos que não estamos sós nesta caminhada. Nós vamos acompanhados por Jesus que nos prometeu estar connosco até ao fim dos tempos. Connosco vêm pessoas de todas as raças, idades, nações e credos, pessoas que lutam com os mesmos problemas e fazem as mesmas perguntas. À medida que nós entramos na oração, nós levamo-los todos connosco, sabendo que como seres humanos nós temos mais em comum do que temos de diferente. Todos nós estamos a sofrer a falta de paz no nosso mundo. A nossa oração pessoal pelo fim do sofrimento, pela paz entre os povos, pela cura, tem impacto não só nas nossas próprias vidas e nas daqueles que amamos e pelos quais pedimos. Ela une-se à oração das pessoas de toda a parte, que estão rezando pelos mesmos fins. Todos nos encontramos no coração de Deus. Jesus mostrou-nos que Deus sofre connosco, assim como por nós, e compreende tudo o que enfrentamos nas nossas vidas. Mais do que sentirmo-nos alienados pelas nossas preocupações, nós podemos ser fortalecidos pelo conhecimento de que estamos unidos ao sofrimento das pessoas de toda a parte. Nós estamos nisto juntos e a nossa oração unida pode ser poderosa.

A força de Deus manifesta-se

A maioria de nós sente-se impotente face a estas crises mundiais que lançam a sua sombra sobre as nossas vidas. No entanto, se nós desejamos manter-nos nesse lugar de impotência, apesar do desconforto de não ter as respostas, podemos criar o espaço exacto no qual Deus pode agir de modos que nós nem podemos imaginar. Nos nossos momentos de fraqueza, a força de Deus manifesta-se. À medida que nós esvaziamos os nossos corações das nossas próprias agendas, planos e preocupações e nos refugiamos no coração de Deus, tornamo-nos dispostos a ser cheios com o infinito amor, a coragem e a esperança de Deus. Nós não necessitamos de compreender tudo o que está a acontecer, ou de ter as respostas específicas a todas as nossas questões, mas só necessitamos de estar desejando, no meio do nosso sofrimento, manter-nos



firmes no abraço de Deus. O desafio é esperar no lugar da vulnerabilidade, da impotência e do "não-saber", continuando a confiar que a Vida triunfará nas nossas vidas e no nosso mundo. Mas isto pode ser assim porque Jesus nos mostrou que nós podemos esperar a Ressurreição.

Eu espero a ressurreição de cada morte por mais pequena, por mais frequente que seja.

Lynne Elwinger, OCD
Traduzido do inglês por Antonieta Vigário

Visitador Geral

De 17 de Abril a 11 de Maio estará entre nós o P. Luigi Gaetani, 2º Definiador Geral, para fazer a Visita Pastoral à nossa Província. Daqui damos-lhe as boas vindas e que a sua estadia entre nós seja um momento de graça para todos.



Dia de São José

Uma meditação

José! Escolhido desde a eternidade,
Unido a Maria no chamamento do Pai
Para olhar na terra pelo seu Próprio Amor eterno;
Esse Amor que é misericordioso, terno, forte,
inefável.

Vai a José!

Maria foi a primeira a ouvir estas palavras e a obedecer.

Uma virgem tremendo no limiar da sua feminilidade,
espantada com o chamamento do Espírito
para dedicar a sua vida a Deus num amor indiviso,
não se admiraria ela, por vezes?

Quem é que compreenderá o meu caminho? Devo ficar para sempre um enigma?

Então o Espírito não lhe sussurrava, dentro profundamente, “José, vai a José!”?

E José provou merecer a sua confiança,
dentro do manto aconchegante do seu amor, ela estava segura.

Com a sua mão na dele, ela não teve medo
e foi enviada em liberdade,
para caminhar o seu caminho na alegria.

Vai a José!

Jesus, um rapaz de Nazaré, ouviu estas palavras.

Vemo-lo, rapazinho, a vir a correr, cheio de energia:

“Mãe, as oliveiras selvagens estão cheias! Posso ir para os montes com os meus amigos apanhar algumas azeitonas?”

Maria sorri. “Claro, filho, se José estiver de acordo. Vai a José.”

Então, a voz clara do rapaz vai a correr, pelo barracão de madeira,
chamando, “Abba! Abba José!”

Uma mulher chega, penteada com cuidado,
o seu marido necessita de um arado, mas eles são pobres

e não podem pagar já. Talvez depois das colheitas...

Maria conforta-a,

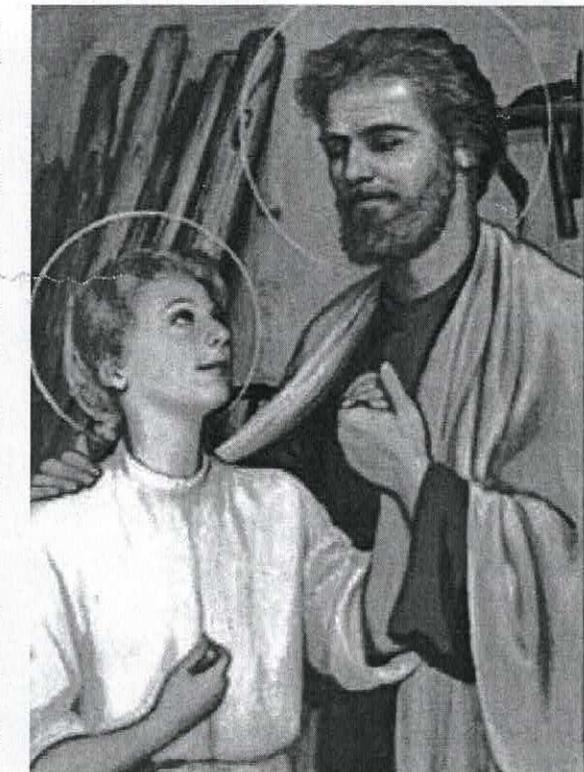
“Vai a José, José providenciará.”

Quando Deus chama é para sempre.

Até ao fim dos tempos, José continua a providenciar a todos os irmãos e irmãs

Aquele que há muito tempo atrás, em Nazaré lhe chamou,

“Abba, Abba José!”



Ir. Brid Carrick, OCD

Traduzido do inglês por Antonieta Vigário

Anel para São José dos Carmelitas de Wadowice

Por ocasião do XXV aniversário do seu pontificado e agradecido “por tudo o que recebeu desde a infância da escola carmelita de espiritualidade”, João Paulo II presenteou o convento dos Carmelitas Descalços de Wadowice, sua terra natal, com o seu anel papal para decorar o quadro de São José.

No passado 19 de Março, festa do esposo da Virgem Maria, durante a celebração da Eucaristia, presidida pelo Cardeal Franciszek Macharski, arcebispo de Cracóvia, teve lugar o momento da decoração do quadro, na presença de vários bispos polacos e representantes do Carmelo.

O acontecimento, que suscitou muito interesse em toda a Polónia, foi precedido pela celebração de uma novena.

Com o seu presente, João Paulo II imitou o gesto do seu predecessor, o beato João XXIII, que no ano da abertura do Concílio Vaticano II ofereceu o seu anel papal para a decoração da mão de São José na catedral de Kalisz.

“Inspirando-se no Evangelho, os Padres da Igreja, desde os primeiros séculos, sublinharam que São José, assim como teve um amoroso cuidado com Maria e se dedicou com gozoso empenho à educação de Jesus Cristo, assim guarda e protege o seu corpo místico, a Igreja, de quem a Virgem santa é figura e modelo” (*Redemptoris Custos*, 1), diz o Papa na sua bula.

Datado de 26 de Outubro passado, dia em que João Paulo II completou 25 anos na Sede de S. Pedro, o texto recolhe o agradecimento do Santo Padre ao “solícito defensor de Cristo pela protecção que lhe tem dispensado”.

“Em minha cidade natal, escreve o Papa, São José, o segundo Patrono de meu Baptismo, outorga a sua protecção ao Povo de Deus desde a Igreja dos Carmelitas Descalços ‘da Colina’, na qual é venerado no quadro do altar principal”.

“Ofereço o anel, no XXV ano do meu pontificado, para a decoração da imagem de quem alimentava o Filho de Deus, venerado na igreja carmelita de Wadowice”.

“Que este anel, símbolo do amor esponsal, que será colocado sobre o manto de São José no quadro de Wadowice, recorde a seus devotos que a Cabeça da Sagrada Família é o homem «justo» de Nazaré, exorta o Papa, que possui, sobretudo, as claras características do esposo, o qual se manteve fiel ao chamamento de Deus até o fim (...) e foi depositário do mesmo amor por cujo poder o eterno Pai nos destinou a ser seus filhos adotivos por obra de Jesus Cristo”.



João Paulo II dá também graças aos Carmelitas Descalços, “custódios fiéis da Igreja de Wadowice”, “por tudo o que desde a minha infância recebi da escola carmelita de espiritualidade”.

Finalmente, exorta os religiosos que “desejem, com o exemplo de sua Santa Madre Teresa de Jesus, contemplar em São José o modelo perfeito da intimidade com Jesus e com Maria, Patrono da oração interior e do infatigável serviço aos irmãos”.

Minha Vocação, Minha Missão

Quando se chega a um certo ponto, existe algo que todos nós temos em comum, quer sejamos novos ou velhos, nos consideremos importantes ou não tão importantes, quer passemos o nosso dia num sem número de actividades ou nos sentemos só a pensar. Todos nós desejamos descobrir a nossa missão na vida.

Sabemos que Santa Teresa de Lisieux lutou com este tema. Depois de muita angústia e luta, descobriu que ela seria o amor no coração da Igreja, o amor no coração do mundo. Com esta descoberta, ela ficou extraordinariamente feliz.

Existe outra coisa, no entanto, que Teresa deu a este mundo. Ela ensinou-nos como receber. Nos seus escritos, ela diz que a oração não consiste em fazer muito mas em receber muito.

Nós sabemos que Deus está continuamente a dar-nos, desde o primeiro momento em que acordamos, e até enquanto estamos a dormir. Quando pensamos nesta actividade graciosa da parte de Deus, pareceria ser um triste comentário à vida se não existisse ninguém disponível para receber o que Deus está dando. Se continuamos a reflectir sobre isto, depressa nos damos conta que receber também é apostólico, quer dizer, um serviço aos outros. De que outro modo viriam os dons de Deus a este mundo?

Mais, com Teresa, recebemos com um profundo sentido de vazio, ele próprio um tremendo acto de entrega de si próprio em amor, que leva à união com Deus, e à união com tudo o que é vida.

Nos dias em que a oração ou a vida são difíceis, quando nós nos sentimos fora de contacto com o nosso mais profundo ser, pode ser de grande ajuda e um conforto, pensar no que Deus, através da intercessão de Teresa, pode estar à espera de nos dar, num momento particular. Todos nós desejamos essa rosa tradicional, a rosa que aparece de muitas formas.

Ir. Mary Jo Loebig, OCD

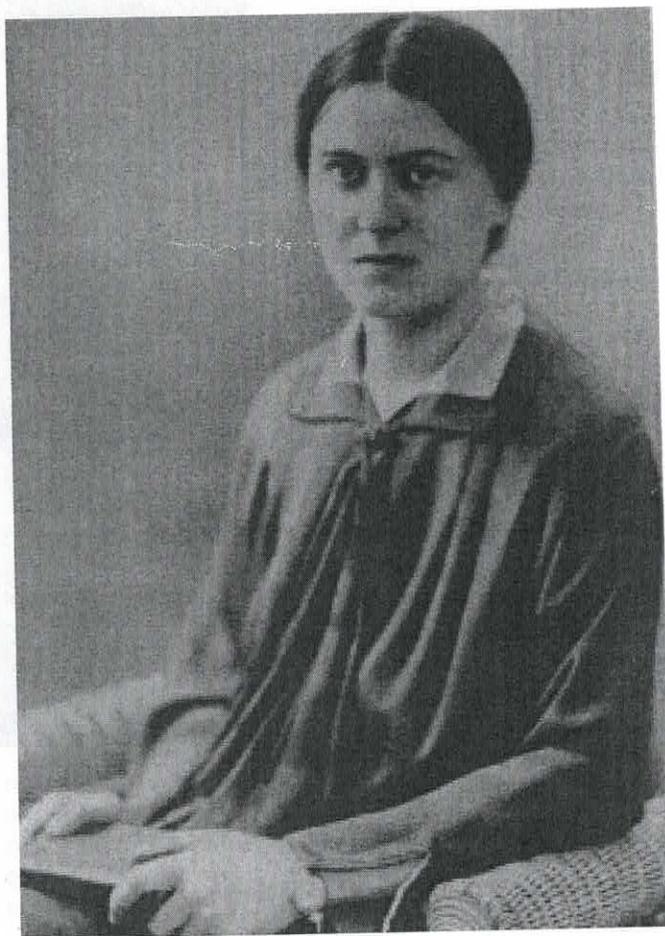
Traduzido do inglês por Antonieta Vigário

Edith Stein, mestra de espiritualidade

(Entrevista concedida pelo Padre Jesus Castellano Cervera, Carmelita, a Zenit por ocasião da sua conferência pronunciada do dia 26 de Março de 2004 no Centro de Estudos Edith Stein de Lanciano, Itália).

Como sublinha este professor de espiritualidade na Faculdade Pontifícia Teológica Teresianum de Roma, Edith Stein “era uma contemplativa sumamente activa, antes e depois de seu ingresso no Carmelo, como demonstra sua actividade e seus escritos”.

O Padre Jesus Castellano é consultor, entre outros organismos vaticanos, da Congregação para a Doutrina da Fé e colabora em diversas revistas de teologia, liturgia e espiritualidade.



Podemos considerar Edith Stein como precursora da espiritualidade litúrgica do Vaticano II?

P. Jesus: Podemos afirmar sem dúvidas. Ela vive na alvorada do movimento litúrgico na Alemanha. Aqui conhece alguns protagonistas deste despertar eclesial, como Romano Guardini e Odo Casel, e tem como pátria espiritual um dos centros propulsores do movimento litúrgico alemão, a abadia de Beuron, onde o abade Rafael Walzer é seu director espiritual.

Vive o fervor das celebrações de Natal e Semana Santa. Participa, como ela recorda, das “formas renovadas da piedade da Igreja” do seu tempo.

Considera-se “uma superlitúrgica” pela sua sensibilidade ante o mistério e a celebração da liturgia.

Ela dá uma contribuição eficaz a este movimento litúrgico com o seu livro *A oração da Igreja*, um texto clássico sobre a Eucaristia, onde aparecem as suas raízes judaicas e sua dimensão espiritual.

Por que não se conhece a contribuição litúrgica de Edith Stein, ela que esteve na vanguarda com Guardini e com outros grandes mestres da liturgia de seu tempo?

P. Jesus: Edith é uma figura polivalente. É admirada como fenomenóloga e filósofa, como intérprete de São Tomás, de Teresa de Jesus e de João da Cruz. Seus escritos são numerosos.

Este fragmento da sua espiritualidade, que é um fragmento que contém o todo, foi-se descobrindo pouco a pouco, sobretudo quando se tratou de contextualizar o seu itinerário espiritual, as raízes da sua educação na liturgia judaica, seus influxos e sua participação na espiritualidade da sua época, e quando se tratou de descobrir alguns escritos seus onde se manifesta, sobretudo, a sua veia teológica e espiritual.

Há ainda textos inéditos e outros que não são muito conhecidos, como o diário do seu retiro espiritual, fruto da preparação para sua profissão perpétua (10-21 de Abril de 1938), mas são uma verdadeira jóia de espiritualidade do mistério pascal vivido com Maria.

Edith, antes de ser uma contemplativa, foi uma mulher de acção. Soube conjugar bem a oração litúrgica com a oração pessoal?

P. Jesus: Nela não há dicotomias. Tudo o que vive e aborda tem o toque de uma fenomenóloga que vai até o fundo vital da experiência.

Vive isso desde a profundidade do seu ser, mas com toda a participação dos sentidos. Num escrito de 1930, uma conferência para mulheres de Speyer, sobre a educação à vida eucarística, sublinha a aplicação da espiritualidade da Eucaristia à vida de cada um, tanto para os religiosos como para a mulher casada, como para as que, como ela, vivem só.

E no seu livro *A oração da Igreja* faz uma maravilhosa apologia da imprescindível dimensão da oração pessoal e do seu valor eclesial, até afirmar que toda oração pessoal é oração eclesial.

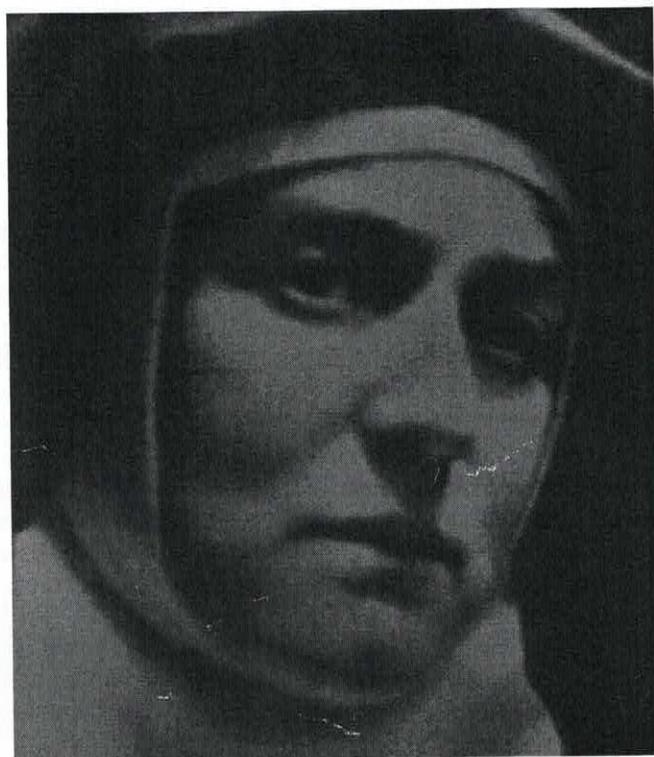
Era uma contemplativa sumamente activa, antes e depois do seu ingresso no Carmelo, como demonstra a sua actividade e os seus escritos.

É exagero ver em Edith Stein um modelo de espiritualidade litúrgica feminina?

P. Jesus: É evidente que toda a experiência de Edith tem o toque do seu olhar de mulher, do seu coração e da sua empatia feminina, com um toque de delicadeza e de profundidade.

A seu modo, é um modelo de espiritualidade feminina se a entendemos como personificação do feminino da Igreja esposa, da sua atitude mariana, do seu recurso às mulheres santas, e valorizamos algumas expressões de fina poesia e sensibilidade, como as suas invocações ao Espírito Santo.

Nos seus escritos sobre a mulher e para a mulher, nota-se esta peculiaridade em Edith, sem complexos nem polémicas, com toda a naturalidade.



O que é a espiritualidade eucarística, segundo Edith Stein?

P. Jesus: Algo tão simples como viver numa atitude de resposta vital, consciente do dom que supõe a Eucaristia; ante a presença, responder com a oração diante do Santíssimo e a Eucaristia diária; ante o dom da comunhão, responder com o agradecimento a Quem nos nutre com a sua carne e o seu sangue “como uma mãe a seu filho”; ante o sacrifício eucarístico, acolhendo o dom e fazendo-o vida como oferenda espiritual.

Trata-se de uma espiritualidade que se alimenta, em Edith Stein, com o exemplo e o testemunho, que se esclarece com o ensinamento e iniciação às riquezas do mistério, e passa pouco a pouco à vida e aos costumes até ser uma existência eucarística que impregna todo o ser e o viver.

O que é que ensina Edith Stein às suas irmãs Carmelitas com seu testemunho?

P. Jesus: Ensina a sentir totalmente com a Igreja no que se refere à liturgia, sem saudades do passado, com a alegria do presente e do futuro.

Edith é modelo de seriedade na própria vocação contemplativa, tão aberta à liturgia como à contemplação, tão vibrante com a novidade da renovação litúrgica quanto ansiosa de transmitir a todos o viver e sentir com a Igreja.

No fundo Edith é, por co-naturalidade, também nisto, uma discípula de Teresa de Jesus, pois a Santa, em seu tempo, vibrava com a liturgia da Igreja e a sua experiência mística tem páginas belas de comunhão com os mistérios e de entusiasmo pelas festas do Senhor, de Maria e dos Santos, de amor pela liturgia eclesial e pelo decoro das celebrações.

Edith Stein, em tudo isto, com a busca da excelência da celebração dos mistérios, deu um grande contributo à teologia do seu tempo.

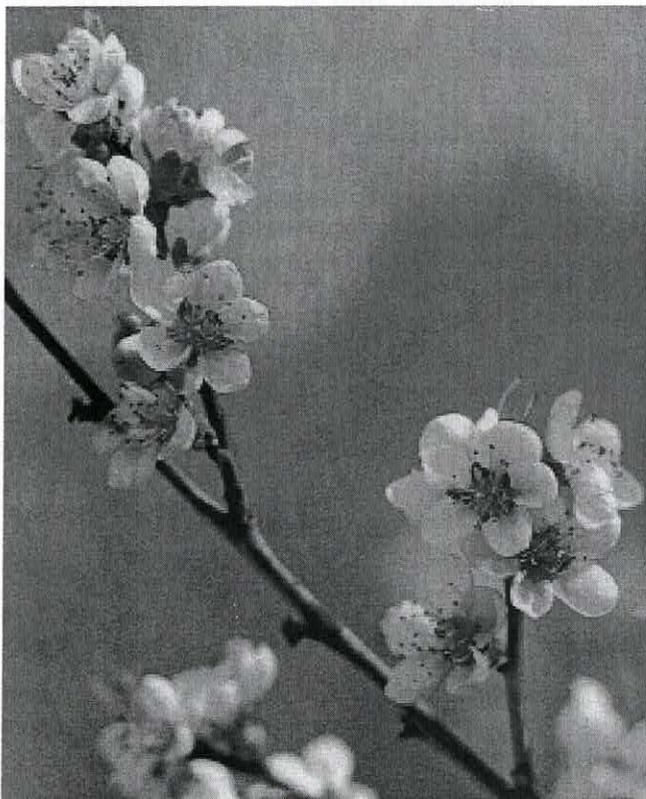
A Ressurreição

A casa antiga era rodeada por um jardim selvagem com várias árvores antigas, palmeiras e canteiros cheios de flores...

Era Primavera, então. E no meio do jardim erguia-se a árvore mais espantosa de todas: um jacarandá que se cobria de flores roxas todos os anos, quando a Primavera se preparava para partir.

Era uma árvore enorme, de copa redonda, com folhas pequenas e rendilhadas. Quando o sol a cobria toda de fogo e ternura, quando as aves se deliciavam com os seus ramos, quando o calor a alucinava, então ela cobria-se de imensas flores roxas que transformavam a sua copa numa fantástica chama lilás de beleza indescritível... Tão bela era ela, tão apelativa, tão diferente de outra qualquer árvore que todos os animais se deliciavam e se sentiam, deslumbrados ao vê-la!

As coisas do jardim deixavam de ter qualquer sentido, as rosas perdiam o seu perfume, as flores esqueciam as suas cores, as outras árvores apagavam-se, desapareciam, não eram nada...



Quando alguém passava por ali ficava extasiado com essa chama doida e longo tempo permanecia sem palavras admirando a árvore e suspirando... Os insectos vinham atraídos por esse fogo roxo e volteavam sem parar por entre as flores... As árvores passavam o dia a cantar nos seus ramos e erguiam hinos ao Criador de tantas maravilhas...

E sempre a árvore alucinava tudo e todos.

E sempre, em cada ano, o espanto se repetia...

Mas, um dia, a Primavera trouxe flores e aves e insectos doidos e perfumes ao jardim, mas a árvore nunca mais despertou, nunca mais deu folhas e flores... Simplesmente morrera.

Bem as aves cantavam nos seus ramos. Bem as pessoas olhavam para a árvore à procura do deslumbramento habitual. Bem as outras árvores murmuravam longos segredos... Mas o jacarandá continuava morto.

Então Deus mandou um Anjo à terra buscar um sinal da sua glória e um grito de dor pelo seu martírio.

E o Anjo regressou com dois ramos de jacarandá: um, que o Anjo cortara de outro jardim, vinha coberto de alucinantes flores roxas. O outro, que o Anjo cortara do jacarandá morto, trazia ainda um cacho seco de flores que outrora tinham transformado aquele jardim num paraíso...

Após um longo silêncio, Deus murmurou:

– Escolheste bem. Trouxeste até Mim o verdadeiro sentido da Ressurreição: a eterna renovação da Vida através do Amor!

Maria Adelaide Vasconcelos

Visita surpresa do Papa às Carmelitas do Vaticano

Estávamos no dia 11 de Fevereiro, memória de Nossa Senhora de Lurdes. Era já noite e a comunidade encontrava-se no refeitório, depois de uma tarde particularmente cheia de compromissos.

Estávamos a ouvir a gravação do discurso do Papa aos doentes que nessa tarde encheram a Basílica de S. Pedro.

Um imprevisto, prolongado e insistente toque da campainha da roda sobressalta-nos a todas: que acontece? Certamente algo grave... Um acidente, um incêndio? Uma irmã dirige-se apressadamente para a roda, mas dado que a campainha continua a tocar com insistência, também a Madre Priora corre para a porta e ambas escutam a mesma inaudita comunicação: "É o Santo Padre! Abram depressa o portão!"

A Priora volta novamente ao mosteiro para pegar nas chaves, e entretanto as irmãs acendem as luzes. A escuridão era tal que o chofer, perante a perspectiva de entrar no mosteiro, protestava dizendo: "Não é possível entrar, a escuridão é absoluta!"... e o Santo Padre paciente esperava diante do portão fechado...

Aberto o portão, entra o papa-móvel bem iluminado, e nós vemos o Santo Padre sorridente, que saúda e abençoa enquanto nos observa com um olhar que a nós nos parece feliz e satisfeito de nos ter surpreendido com esta improvisada visita.

Sentados junto a ele S. E. Mons. Stanislaw Dziwiz e Mons. Mieczyslaw.

Logo que o carro parou diante da porta interna do mosteiro, levantaram as paredes de plástico que rodeiam o papa-móvel, baixam a pequena escada e, descendo os secretários particulares do Santo Padre, convidam a N. Madre a subir até junto do Santo Padre que espera e que, sempre sorridente, pergunta: "Quantas sois?" Depois, quando a Madre diz: "Santidade, sei que ama muito o Carmelo, abençoe todo o Carmelo". E ele faz um gesto de aprovação e abençoa.

As Carmelitas não podem entrar



Uma a uma nos abeirámos do Santo Padre e cada uma por si diri-lhe a palavra e recebe uma bênção especial. Todas ficam impressionadas perante o olhar penetrante do Santo Padre que parece perscrutar o coração.

Tudo se desenvolve num clima de simplicidade e cordialidade. Enquanto as irmãs se vão aproximando do Santo Padre, agradecemos de coração a Mons. Stanislaw por ter tomado a iniciativa de parar no mosteiro ao voltar da gruta de Nossa Senhora de Lurdes, onde o Papa quis terminar em oração a jornada de hoje.

Depois que a última irmã se encontrou com o Papa, gracejando propusemos começar novamente a volta... mas Mons. Paolo De Nicolò com gesto sorridente e firme permitiu somente à Madre fazê-lo. Desta maneira, com uma última bênção, enquanto cantamos o *Tota Pulchra* e comovidas saudamos o Papa, o papa-móvel põe-se em andamento.

Nós seguimo-lo até ao portão e comovemo-nos ao vê-lo afastar-se e continuando a fazer gestos de bênção.

Depois, acompanhado pelos carros de escolta, o Papa afasta-se..., e nós ficámos com o coração cheio de reconhecimento e alegria.

Mas nem tudo terminou ainda ... Depois de uns trinta minutos, enquanto estávamos na sala de recreio, outro toque sem fim: da Casa Pontifícia chegou-nos uma grande caixa de chocolates, uma tarte deliciosa, um grande quadro em baixo relevo em cera, de Santa Teresa Benedita da Cruz e uma artística e elegante vela que, acto seguido, acendemos e colocámos aos pés de Nossa Senhora.

Verdadeiramente o Senhor excedeu em sua Misericórdia todas as expectativas da nossa parte!

A cronista do Mosteiro Mater Ecclesiae
Cidade do Vaticano

O prefeito da cidade russa de Novgorod, ao norte de Moscovo, Vadim Bulavinov, negou ao sacerdote Mário Beverati, pároco da igreja católica da Assunção, a licença para construir um pequeno mosteiro junto à paróquia no qual viveriam algumas religiosas carmelitas.

O convento estava projectado no bairro de Verkhniye Pecery, que o plano regulador qualifica de “zona residencial”, mas, na opinião do prefeito, um convento não é uma casa normal e por isso não pode ser construído nesse lugar.

Contra a construção do convento católico já se tinha manifestado também o bispo ortodoxo de Novgorod, Arzamas Georgij Danilov.

Segundo certas informações, já tinham chegado “ao bispado (ortodoxo) cartas de escritores, artistas e gente simples”, manifestando a sua indignação pela construção do mosteiro católico. “Seria um desafio lançado aos ortodoxos”.

Depois de afirmar que a região não tinha qualquer tradição católica, o bispo Danilov sustenta que o novo mosteiro seria “um intento aberto de converter o povo ortodoxo à fé católica”.

Após um encontro com o bispo ortodoxo, o padre Beverati limitou-se a declarar: “Se a diocese ortodoxa é contrária, as religiosas não virão para Novgorod”.

Um jornalista local, Oleg Rodin, recordou numa conferência de imprensa que, antes da revolução comunista de 1917, em Novgorod havia uma paróquia católica com cinco mil fiéis, duas igrejas e algumas capelas no centro da cidade.

“Não há testemunhos, declarou Rodin, de intolerância, hostilidade ou conflitos há mais de cem anos entre ortodoxos e católicos em Nizhniy Novgorod”.

Acrescentou ainda que as duas Igrejas “sofreram com a revolução: foram destruídos lugares de culto, tanto ortodoxos como católicos, foram perseguidos e assassinados sacerdotes e centenas de fiéis de ambas confissões”.

A acusação de “proselitismo” é um dos pontos que dificulta actualmente a relação entre ortodoxos e católicos. Os ortodoxos definem como “proselitismo” a acção que supostamente os católicos realizam para converter ortodoxos, acusação que por outro lado os católicos rejeitam. O Patriarcado de Moscovo reagiu negativamente à elevação das quatro administrações apostólicas católicas em território russo, a nível de diocese, decisão adoptada por João Paulo II há dois anos atrás.

Em meses sucessivos, as autoridades russas expulsaram ou negaram o visto de entrada no país a seis sacerdotes e bispos católicos.

Beatificação de Maria Cándida da Eucaristia

No dia 21 de Março de 2004, Sua Santidade João Paulo II beatificou solenemente, na Praça de S. Pedro, Maria Cándida da Eucaristia (1884-1949), Carmelita Descalça do mosteiro de Ragusa, Sicília. “Foi uma autêntica mística da Eucaristia – disse o Papa na homilia da Missa –; fez dela o centro unificador de toda a sua existência, seguindo a tradição carmelitana, em particular o exemplo de Santa Teresa de Jesus e de S. João da Cruz. Enamorou-se de tal modo de Jesus Eucarístico que sentia um constante e ardente desejo de ser apóstolo infatigável da Eucaristia. Estou seguro – concluiu o Papa – que desde o Céu a beata Maria Cándida continua ajudando a Igreja, para que cresça no assombro e no amor a este sumo Mistério da nossa fé”.

Com Maria Cándida reuniram-se na Praça de S. Pedro mais de mil peregrinos vindos da Sicília e outros tantos do resto de Itália. Os Carmelitas Descalços, por quem Madre Maria Cándida tanto trabalhou para que voltassem à Sicília, estiveram representados por mais de cem sacerdotes.



No passado dia de S. José, reuniu-se em Fátima, pela primeira vez, uma Comunidade em embrião com 7 elementos cheios de vontade de ir para a frente. Estiveram presentes o seu Assistente, o Sr. P. Jeremias, e a Presidente do Secretariado.

Peçamos por eles a S. José para que não desanimem e possam encontrar mais gente boa para aumentar a Ordem de Nossa Senhora.

Lar da Ordem Secular em andamento

Foi com muita alegria e bastante emoção, que no passado dia 31 de Março, em Coimbra, foi feita a doação de uma casa na zona histórica de Mértola para ajuda da construção do Lar do Carmelo Secular. Como infelizmente ainda não temos personalidade jurídica, (já se está a tratar disso, mas ainda vai demorar), a doação teve de ser feita à Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal deixando explícito o objectivo de tal doação.

Maria Isabel Gonçalves Fagulha foi a generosa doadora. Tia da Alice Montargil, soube por esta do nosso desejo e prontamente nos fez a doação bem como pagou os gastos da escritura. Graças a Deus que o fez, porque se fosse a “bolsa” do Carmelo Secular a pagar, as nossas finanças ficariam em muito mau estado.

Estiveram presentes ao acto, além da doadora e da sua sobrinha, o nosso Provincial acompanhado do Padre José Vieira e a Presidente do Secretariado.

No final, foi oferecida à Senhora D. Isabel uma imagem de madeira do nosso Padroeiro S. José benzida na Capelinha das Aparições.

No Encontro Nacional contaremos mais pormenores.

Terminamos agradecendo do fundo do nosso coração à nossa carmelita Alice que deu tão feliz ideia à sua tia, à nossa querida doadora tão generosa e finalmente ao nosso querido S. José que sabendo que não temos ovos para fazer a omelete, os vai fornecendo a pouco e pouco! Bem hajam!

Notícias breves

XI Encontro Nacional da Ordem Secular

De 7 a 9 de Maio realizar-se-á, em Fátima, o Encontro Nacional da Ordem Secular. O local do Encontro será o Centro Catequético das Irmãs Reparadoras, já bem conhecido de todos. Este Encontro terá a presença do Visitador Geral. Pedíamos o favor de se inscreverem o mais depressa possível e o maior número possível.



Inscrição: 5 *; quarto individual: 31 *; quarto duplo: 27,50 *.
A despesa dos assistentes fica por conta das respectivas comunidades. Mandem os vossos cheques em nome de Maria do Rosário Castro.



Agradecemos que mandem notícias, com antecedência, das vossas Comunidades para serem publicadas no próximo Boletim que deve sair em Julho.



Boletim Informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços * Fotocomposição: P. Pedro Lourenço Ferreira * Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina * Sede: Rua de Gondarém, 274 – 4150-371 PORTO * Tel. 226181683 – Fax 226189391 * jeremias@carmelitas.pt; Sítio: www.carmelitas.pt